



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGEO



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

A DINÂMICA DO AGRONEGÓCIO EM LAGARTO/SE: LIMITES, IMPASSES E ALCANCES.

Elis Regina Silva dos Santos Oliveira

Mestre do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Sergipe.

Grupo de Pesquisa Sobre transformações do Mundo Rural

E-mail: elisreginaoliveir@yahoo.com.br

José Eloízio da Costa

Orientador e professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFS.
Universidade Federal de Sergipe

Grupo de Pesquisa Sobre Transformações do Mundo Rural

E-mail: eloizio@ufs.br

O estudo do agronegócio em Sergipe, em particular no município de Lagarto, tomou importância nas últimas três décadas em função da crescente participação de grupos capitalistas na economia do município, inserindo o núcleo como parâmetro de dominação em todas as “linhas” da cadeia. Os exemplos mais destacados são os grupos Maratá, Souza Cruz e Zezé de Rocha. Esses grupos estão introduzindo modificações na estrutura espacial na perspectiva da adesão de novos cultivos e novas práticas agrícolas.

Nesse bojo, que reside a questão central da pesquisa, analisar o desenvolvimento das cadeias produtivas do sistema do agronegócio em Lagarto/SE, através da inserção do capital e de suas contradições evidenciadas nas relações socioeconômicas regionais. Além de explicar a descentralização espacial na utilização da terra em Lagarto, a partir da inserção de novos cultivos e seu rebatimento na organização do espaço agrário, configurando uma nova realidade no município servindo como suporte ao processo de implantação das unidades de beneficiamento e processamento agroindustrial.

Inicialmente foram feitos levantamento e revisão bibliográfica, geral e específica sobre a temática do agronegócio dando ênfase às publicações nacionais e principalmente sergipanas que retratam a temática proposta.

Em um segundo momento foi realizado coletas de dados secundários em órgãos e entidades públicas como: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); EMDRAGO (Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe) e o COHIDRO (Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe).

O último procedimento foi a realização de trabalho de campo que iniciou no período 15/07/2010 a 19/02/2011, com um total de 45 questionários estruturados sendo aplicados 15 questionários por amostragem aleatória, nas seguintes aglomerações de base rural do estudo de caso: Colônia Treze, Jenipapo e perímetro irrigado do Piauí (no povoado Fazenda Grande).

No questionário foram focadas perguntas referentes à produção, produtividade, além da visão dos trabalhadores em relação ao agronegócio. Além das entrevistas semiestruturadas com diversos atores sociais que operam nas atividades agrícolas inseridos na cadeia produtiva e subordinados a lógica do capital, sem contar com as realizadas em alguns órgãos (EMDAGRO E COHIDRO).

Como base no trabalho empírico realizado, entre os anos de 2009 a 2011, foi constatado que a produção agrícola lagartense está totalmente subordinada as maiores unidades beneficiadoras/processadoras da matéria prima fornecida pelos pequenos agricultores, ou ainda aos intermediários/atacadistas, estes por sua vez ditam seus valores e ritmos de produção numa lógica de submissão e subsunção ao grande capital.

O capitalismo proporcionou o aumento da produção e da produtividade, mudou a lógica de alguns espaços rurais de arcaico para moderno. De acordo com alguns autores este sistema promoveu o empobrecimento, acirrou ainda mais as desigualdades, ampliando a concentração de terra e de renda no campo. Uma pequena parcela dos agricultores vem sendo integrada sob a lógica dominante do sistema do capital no campo, enquanto a maior parte dos pequenos agricultores está aquém do ciclo capitalista reproduzido a partir da acumulação.

Os Complexos Agroindústrias (CAIs) são frutos dessa inserção do capital na agricultura, ocorrendo uma subordinação dessa a indústria e a integração à grande produção industrial. Em outras palavras, os CAIs favoreceram a forma de integralizar as cadeias da agricultura moderna brasileira, transcendendo a fase da modernização e da industrialização da agricultura e, de certa forma, antecederam a formação desses complexos. Podemos dizer que os CAIs formaram os corolários materiais das unidades capitalistas no segmento da agricultura, estabelecendo padrões tecnológicos definidos, soldando a integração técnica com a integração do capital, e neste último com a inserção do capital financeiro, como bem situa Silva (1999, pg, 29):

A idéia de que os CAIs são um fruto recente na economia brasileira, um fenômeno dos anos 70, só pode ser entendida com base na diferença entre modernização da agricultura e constituição dos CAIs. É claro que antes das décadas de 60 e 70 mudanças técnicas importantes se fizeram presentes na agricultura e é claro, também, que sempre houve um segmento importante de processamento agroindustrial no país. Mas enquanto a modernização dependia da importação de insumos químicos, equipamentos e máquinas, ela

tinha um limite claro, dado pela capacidade de importar. Assim como o complexo rural dependia das exportações para se expandir, a modernização, no seu início, dependia da capacidade de importar a fim de poder se generalizar. A internalização da produção de insumos e máquinas para a agricultura rompe esse limite; a partir daí modernização da agricultura caminha com seus próprios pés e os limites agora são colocados por ela mesma, isto é, pelo próprio capital inserido na atividade agrícola.

O município de Lagarto seria um recorte empírico dessa associação do pequeno agricultor que é policultor e minifundiário versus o grande setor industrial, todos articulados, mesmo que contraditoriamente e com lógicas de produção diferentes.

O agronegócio desenvolvido no município de Lagarto possui uma singularidade, pois é comandado por indústrias sergipanas que apenas estabelecem a compra da produção por intermediários. Não há um contrato direto com os agricultores do fumo, da laranja e da acerola. Sendo a pimenta o único produto no qual efetivamente existe um contrato direto com valores pré-estabelecidos pelo grupo, além disso, boa parte dos cultivos são produzidos em pequenas propriedades por agricultores familiares que utilizam ainda técnicas arcaicas como a utilização da mão de obra familiar no período da sementeira e da colheita estabelecendo a utilização do trabalhador temporário apenas no período da colheita.

Dentro dessa complexidade, o agronegócio do município de Lagarto é visto como um *agronegócio simplificado*, pois não há uma relação contratual com os agricultores familiares bem como ajuda financeira e nem técnica, apenas a compra da produção pelos intermediários que por sua vez repassam para a indústria.

Pelos dados obtidos na entrevista ao técnico agrícola da EMDAGRO, o grande desafio dos agricultores é a comercialização, pois falta-lhes organização, ficando totalmente entregues nas mãos dos intermediários. O mercado existe, porém estes não possuem o domínio desse comércio, simplesmente pela falta de organização.

Além disso, segundo o técnico da EMDAGRO, a produção do fumo no município está em decadência, ou seja, em um processo de redução das áreas cultiváveis tendo toda a produção voltada para os intermediários que repassam para a indústria. Quanto ao cultivo da laranja, há dois destinos da produção: as feiras livres e a indústria de suco. Nesse contexto, novos cultivos foram introduzidos no cenário lagartense, muitos deles induzidos pelo grupo Maratá com a parceria do Governo do Estado.

Vê-se então que o agronegócio por “cadeia curta” no município de Lagarto estabelece uma hegemonia e contradição típica do capitalismo que tudo expropria na perspectiva do lucro. Todavia, não é algo novo, vivemos em um mundo capitalista, o que chamamos a atenção é que o agricultor familiar, mesmo desprovido de ferramentas tecnológicas está

participante dessa cadeia produtiva. Portanto cabe ao Estado viabilizar formas e meios de reparar as injustiças sociais no meio rural com propostas políticas para promover o desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M.G. **Florescimento das cidades. In: “Sergipe Fundamentos de uma economia dependente”**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

BUAINAIN, A. M; ROMEIRO, A. R; GUANZIROLI, C. **Agricultura familiar e o novo mundo rural**. Sociologias, ano 5 n° 10, p. 312-347, 2003.

CORREA, R.L; CASTRO, I.C; GOMES, P.C.C (Org) **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FONSECA, Adalberto. **História de Lagarto**. Governo de Sergipe, 2002.

GUANZIROLI, C. E. **Agronegócio no Brasil: perspectivas e limitações**. Economia – Texto para Discussão, 2006

JUNIOR, C. P. **História econômica do Brasil**. 41ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, A. U. **Modo capitalista de produção na agricultura**. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, J.F.G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2ªd Campinas/SP: Unicamp, 1999.

SILVA, J.F.G. **O novo rural brasileiro**. 2ª ed. Campinas/SP: Editora do instituto de economia da Unicamp, 1999.

SILVA, J.F.G. **Tecnologia e agricultura familiar**. 1ª ed Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 1999.

Eixos Temáticos: Agrário